



Diagnóstico

A criança

no centro:

Um retrato das infâncias na cidade de SP



It takes a world
para acabar com a violência contra a infância

Apoio: GT Criança e Adolescente da Rede Social do Centro

Realização:



Ficha Técnica

LIDERANÇA

Diretor Nacional: João Diniz

Diretor de Ministérios: Cassiano Luz

Gerente de Estratégia e Qualidade: Eunice Santos

Gerente de Território Paulista: Raniere Pontes de Sousa

Coordenadora Técnica da Pesquisa: Aizianne Leite de Sousa

Suporte Técnico: Sueli Catarina

Suporte de Análise: Cristiane dos Anjos/ Karina Lira

COMITÊ GESTOR:

Visão Mundial: Natália Zanni Soares, Caroline Marques

PIB: Reinaldo Vieira Lima Júnior, Sandra Falconi Martins

Novos Sonhos: Emily Pereira Maria, Bárbara

JEAME: Verna Langrell, Regina Meire

IBTE: Lívia Hannes, Claryssa Tomaz

Missão Cena: Rosânia Farias dos Santos, Juliana Batista

COMISSÃO TÉCNICA:

PIB: Reinaldo Vieira Lima Júnior, Débora Vieira,

Angélica Mauriz do Nascimento

Novos Sonhos: Lael Rodrigues, Hilda de Oliveira,

Antonio Paulo Guimarães, Emily Pereira Maria, Bárbara

Missão Cena: Rosânia Farias dos Santos, Jéssica Alves Alonso,

Thais da Silva Barbosa, Sarah Morales, Juliana Batista

JEAME: Verna Langrell, Regina Meire, Vânia Coutinho,

Emerson da Costa Souza

Visão Mundial: Aizianne Leite de Sousa, Raniere Pontes de Sousa,

Natália Zanni Soares, Caroline Marques

A versão eletrônica deste relatório, com a metodologia e seus anexos, pode ser acessada em www.visaomundial.org/diagnosticosp

Novembro, 2017 – É permitida a reprodução parcial ou total deste diagnóstico desde que citada a fonte.

Sumário

1. PASSOS METODOLÓGICOS	04
2. DE ONDE PARTIMOS? (CONTEXTO E ANTECEDENTES)	06
3. DADOS GERAIS DA PESQUISA	09
4. ACHADOS DE 02 A 06 ANOS	14
5. ACHADOS DE 07 A 11 ANOS	18
6. ACHADOS DE 12 A 17 ANOS	25
7. ACHADOS DOS CUIDADORES	36
8. DE, NA E PRÉ SITUAÇÃO DE RUA	44
9. CONCLUSÕES	56
10. REFERENCIAIS E LISTA DE SIGLAS	59

I. Passos Metodológicos – Cronograma

2017



1. PREPARAÇÃO LOCAL



2. De onde partimos? (Contexto e Antecedentes)

Problemática do Centro de São Paulo

Local de nascimento da cidade, o Centro de São Paulo possui uma população residente total de 450.850 habitantes. O aumento da “Cracolândia” é um fator agravante para a região, onde a maior parte da população vive com a estimativa de um salário mínimo durante o mês, para famílias com mais de três pessoas que vivem, normalmente, em ocupações e pensões, o que colabora para a situação precária de vida, aumento do índice de crianças e adolescentes expostos aos riscos do território e crescimento do trabalho informal.

Ao observar a vulnerabilidade social nessas localidades onde atuamos, nos bairros da Sé, República, Anhangabaú, Santa Cecília e Campos Elíseos, vemos crianças e adolescentes em situação de rua, pré-rua e aquelas que vivem com suas famílias e/ou cuidadores, mas estão vulneráveis ao contexto do Centro, uma vez que passam dia e noite em contato com esse cenário. Mesmo em casa, na escola ou em projetos que atuam com serviços ou assistência direta, elas vivenciam riscos presentes até mesmo nos espaços concebidos como de proteção. Essas crianças e adolescentes vivem as consequências negativas das desigualdades sociais, da pobreza e da exclusão, fraqueza/falta dos vínculos familiares e afetivos. Também entram na vida adulta precocemente, sem acessar ou mesmo conhecer os direitos básicos para viver de forma digna. Diante dessa realidade, o trabalho infantil, as drogas e as atividades ilícitas aparecem como resposta às suas “ausências”.

Justificativa da elaboração deste relatório

Este Diagnóstico tem por objetivo **qualificar a intervenção** das organizações envolvidas, por meio do **entendimento das necessidades** dos seus variados públicos e, com isso, **ampliar a capacidade** de uma **atuação em unidade** que **maximize os resultados** nos mais vulneráveis e fortaleça a **capacidade de diálogo** de todos os envolvidos com outras esferas de intervenção, tais como os poderes constituídos e a sociedade civil organizada.

Surge também da crescente demanda das vulnerabilidades sociais do Centro de São Paulo e da necessidade de conhecer e compreender a realidade de crianças e adolescentes inseridas no escopo de atuação dos Projetos Missão CENA, IBTE, Novos Sonhos e JEAME, constituindo-se como uma ferramenta para revelar as demandas existentes no território, além de gerar ações que contribuam e atendam as reais necessidades dessa população.

Tem como proponente a Primeira Igreja Batista de São Paulo, com a liderança técnica de Visão Mundial Brasil e realizada pelos projetos Missão CENA, IBTE, Novos Sonhos, JEAME e Grupo de trabalho de criança e adolescente de Rede Social de Centro.

3. Dados gerais da pesquisa

Parceiros

Proponente: Com articulações na rede em nível estadual no âmbito de incidência, temos a **PIB – Primeira Igreja Batista de São Paulo**, que atua com Escola Bíblica, cultos infantis, articulação das Organizações, corais e espaços de brincar. Sua primeira casa estava localizada na Rua Santa Efigênia, número 90 A, e chamava-se “ponto de pregação”. Em 6 de Julho de 1899, promoveu uma organização, com 18 membros - alguns vindos do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Santa Bárbara d’Oeste. Ao ver crescer o número de integrantes, a igreja se alocou em diversos locais, até que, finalmente, em 6 de Julho de 1917, inaugurou seu novo templo, no mesmo endereço em que está até hoje. Nessa ocasião, já contava com 108 participantes. Desde cedo, sentiu que sua principal vocação era as missões urbanas. Ao cuidar da evangelização pessoal, da abertura de pontos de pregação e mobilizar os lares, a PIB formou trinta e uma igrejas filhas.

Realizadoras

IBTE – Instituto Brasileiro de Transformação pela Educação é uma Organização Cristã e entende que crer em Deus e em sua Palavra implica romper com as estruturas sociais geradoras de injustiças e desigualdades responsáveis por escravizar o ser humano na miséria e que, para tal, Deus nos presenteou com uma ferramenta maravilhosa: a Educação. O Instituto atua com atividades socioeducativas, esportivas, culturais e acampamentos educativos para crianças e adolescentes em vulnerabilidade social.

Projeto Novos Sonhos realiza atividades socioeducativas para crianças. Foi criado com o objetivo de transformar toda a tristeza e descaso social em arte, alegria e oportunidade de vida melhor para crianças e adolescentes que residem na região da Cracolândia. Por meio de ações protetivas e inclusivas, visa contribuir com a melhora do convívio familiar;

escolar e social. Tem como missão alcançar todos os meninos, meninas e suas famílias, na região da Cracolândia, por meio do amor de Cristo.

Missão CENA é uma Organização com foco em trabalho social, desenvolvido por missionários e voluntários no centro de São Paulo, mantidos unicamente por meio de doações. Desde 1987, trabalha com o objetivo de acolher pessoas em situação de rua, usuários de drogas, crianças em situação de risco, travestis e prostitutas da área da “Cracolândia”, oferecendo resgate, recuperação e reintegração na sociedade. Com fé, perseverança e dedicação, acredita que todos merecem uma vida digna e que isso é sempre possível.

JEAME atua na região da Cracolândia, no Vale de Anhangabaú e Sé, por meio da abordagem de crianças, adolescentes e jovens, para ajudá-los em suas necessidades integrais, além de acompanhar aqueles que saem das ruas. Também opera, semanalmente, nas unidades da Fundação Casa, com assistência espiritual. É uma organização civil de caráter filantrópico sem fins lucrativos e de utilidade pública federal, cuja a missão é “resgatar, reabilitar e reintegrar crianças e adolescentes em situação de risco social”.

Liderança Técnica

Visão Mundial Brasil é uma organização cristã de desenvolvimento, advocacy e resposta às situações de emergência, dedicada ao trabalho com crianças, famílias e comunidades para superar a pobreza e a injustiça. Inspirados pela fé e valores cristãos, dedica-se a trabalhar com as pessoas mais vulneráveis em todo o mundo. Também serve e colabora com todas as pessoas, independentemente de religião, raça, etnia ou gênero.

Público participante

A pesquisa foi realizada dentro do quadro de atendimento das organizações realizadoras que possuem o seguinte público:

ORGANIZAÇÃO	ORGANIZAÇÃO
IBTE	147 Crianças e Adolescentes
Novos Sonhos	331 Crianças e adolescentes
Missão CENA	108 Crianças e adolescentes
Total	586 Crianças e adolescentes

A escuta foi realizada com crianças e adolescentes entre 02 e 17 anos, e seus cuidadores, dentro do quadro acima, com questionários especificamente desenvolvidos para cada um deles e divididos nos seguintes grupos amostrais:

GRUPO AMOSTRAL	AMOSTRA
02 a 06 anos	41 elementos de amostra
07 a 11 anos	67 elementos de amostra
12 a 17 anos	80 elementos de amostra
Cuidadores	92 elementos de amostra
Total de escutados	280 elementos de amostra

Total de crianças e adolescente entre 02 e 17 anos escutados – 188

Total de cuidadores escutados - 92

Para a escuta do público do **JEAME** foi necessário pensar em procedimentos diferenciados. Desta forma, elaborou-se 02 questionários: um de observação e outros de escuta individual, destinado a crianças e adolescentes entre 03 e 17 anos, localizados dentro do espaço da Cracolândia, Sé e Vale do Anhangabaú, que estão em situação de rua - espaço onde eles têm atuação direta. No processo, foram escutadas 22 crianças e adolescentes.

Voluntários: O processo contou com a participação de 18 voluntários que estiveram presentes nas organizações, mobilizando os participantes, a aplicação dos questionários e o lançamento dos dados na base.

A **PIB** colaborou com a articulação dos parceiros e contribuiu com voluntários que auxiliaram no suporte às Organizações para aplicar o questionário.

A **Visão Mundial** foi responsável pelo suporte técnico de desenho da pesquisa, treinamento da equipe de voluntários, limpeza, tratamento, análise dos dados e elaboração do relatório.

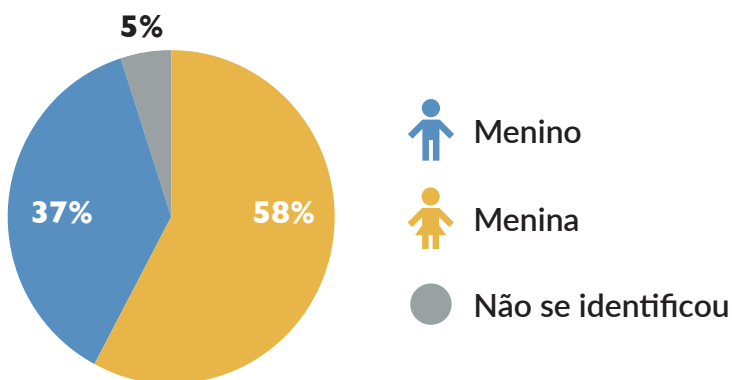
4. Achados de 02 a 06 anos

Achados de 02 a 06 anos

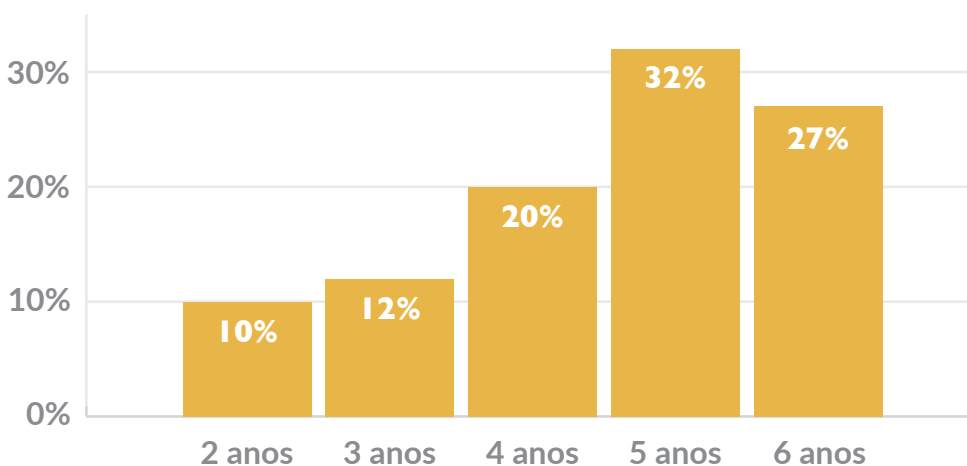
Os dados descritos são os achados do diagnóstico com as crianças de 2 a 6 anos, participantes das atividades oferecidas pelas organizações IBTE, Novos Sonhos e Missão CENA, que atuam no Centro de São Paulo, e distribuídos da seguinte forma:

A população de crianças que possuem entre 2 e 6 anos nas organizações é predominantemente feminina. Ela representa 58% dos participantes. Ao todo, 37% é composta por meninos e 5% não sabe ou prefere não responder a pergunta.

DIVISÃO DOS PARTICIPANTES POR SEXO

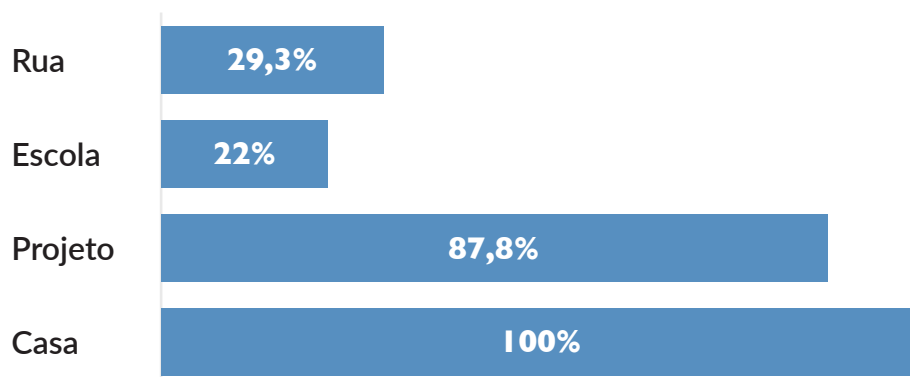


A CONCENTRAÇÃO DOS ENTREVISTADOS



I. Da insegurança alimentar: 100% crianças que participaram do diagnóstico de 2 a 6 anos disseram que se alimentam em casa, destas 88% também acessam comida no projeto, 22% na escola e 29% na rua. É desconhecido como elas acessam comida na rua e, o mais preocupante, é a qualidade desta alimentação, o que coloca essas crianças em situação de risco de saúde, uma vez que uma alimentação adequada, suficiente e de qualidade é chave para o desenvolvimento infantil.

LOCAIS EM QUE A CRIANÇA DECLARA ACESSAR COMIDA



2. Da rua e o lugar da criança: Grande parte das crianças gostam de ficar em casa (88%). A diferença (12%) preferiu não responder à questão ou disseram não gostar das suas casas. A rua aparece como preferência de 51% entre as crianças, em especial entre os meninos, pois 60% deles declaram gostar da rua. Ao analisar os dados da pesquisa completa, comparando com a declaração de outros grupos, a rua não se apresenta como o lugar mais seguro, pois é o local de acesso a drogas e de maior exposição ao risco. Nos gráficos abaixo, pode-se observar a percepção das crianças em relação aos lugares que elas mais gostam ou menos gostam.

LUGARES QUE AS CRIANÇAS DECLARAM QUE MAIS GOSTAM E MENOS GOSTAM	CASA	PROJETO	ESCOLA	RUA
Mais gosta	88%	80%	20%	51%
Menos gosta	10%	7%	12%	37%
Não respondeu	2%	12%	68%	12%
Total Geral	100%	100%	100%	100%

3. Da urgência da proteção infantil: Os dados apontam que 51% das crianças estão em situação de extrema violação de direitos. É preciso investir em intervenções com enfoque em proteção, especialmente voltado aos fatores de autocuidado, junto às crianças, e prevenção de violências físicas, junto aos pais, cuidadores, educadores, professores e outras organizações que trabalham ao entorno.

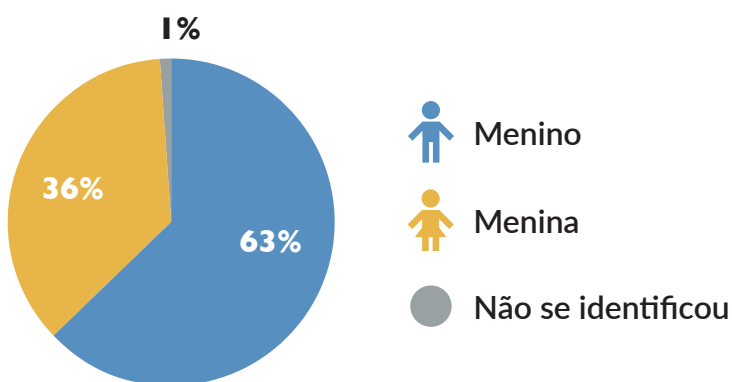
5. Achados de 07 a 11 anos

Achados de 07 a 11 anos

Os achados que seguem são do diagnóstico com crianças de 7 a 11 anos, participantes das atividades oferecidas pelas organizações IBTE, Novos Sonhos e Missão CENA, que atuam no Centro de São Paulo, distribuídos da seguinte forma:

A população de crianças que possuem entre 7 e 11 anos nas organizações é predominantemente masculina, com 63% dos participantes, sendo que 36% é composta por meninas e 1% não sabe ou prefere não responder a pergunta.

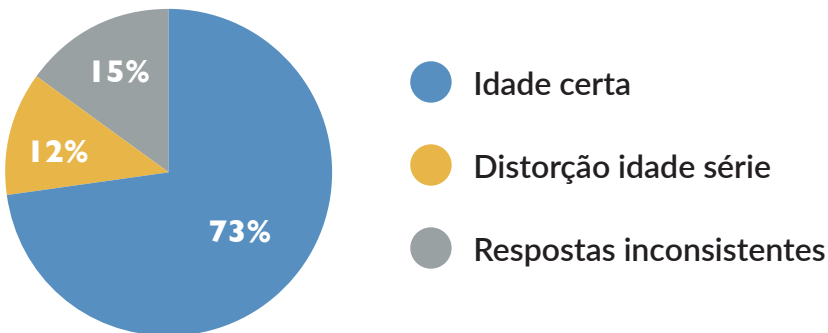
SEXO DOS PARTICIPANTES



Para facilitar a compreensão, os dados desse grupo específico dividem-se em 04 seções:

I. Da educação na idade certa - lugar de criança é na escola: Todas as crianças declararam estar na escola, porém os dados apresentam uma distorção em relação à série e idade:

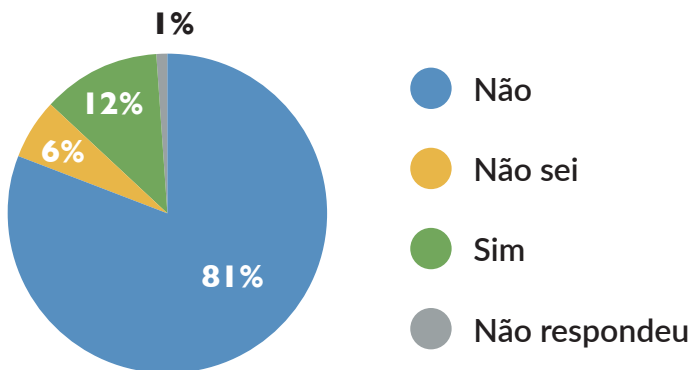
73% das crianças na idade certa, 12% em distorção e 15% de respostas inconsistentes, nas quais os respondentes declaravam séries muito acima da correspondente idade ou não havia a declaração de idade para se fazer a inferência. As duas últimas situações mencionadas, trazem reflexões.

DISTORÇÃO IDADE SÉRIE

Essa circunstância pode trazer desafios adicionais às crianças para o seu desenvolvimento sócio emocional e cognitivo, além de comprometer o acesso a um fator de proteção importante na infância: a convivência em ambiente educacional estruturado. As organizações sociais devem buscar, em parceria com as escolas, entender porque há demora para ingressar na instituição – a declaração de matrícula poderia ser um critério para o ingresso nas atividades das entidades. Juntos, organizações, escolas e os atores do Sistema de Garantia de Direitos, podem realizar uma busca ativa, apoiada pelo Conselho Tutelar, para inclusão das crianças que estão fora da escola, acompanhando adultos e/ou com pares em áreas de alta vulnerabilidade.

2. Do bem-estar e a violação ao direito à alimentação: A pesquisa mostra que 81% das crianças entrevistadas afirmaram que não dormem com fome. Revela também que 19% delas dormem com fome ou não souberam responder essa questão.

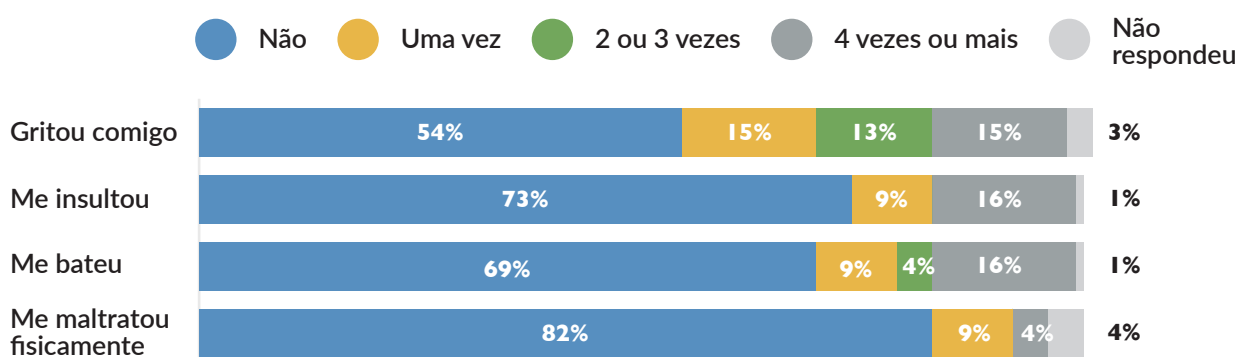
Esse resultado coloca o tema da insegurança alimentar em pauta. É importante salientar que as crianças entre 07 e 11 anos já possuem certo nível de autonomia e mobilidade, o que as colocam em maior situação de vulnerabilidade e riscos, devido à possibilidade de se envolverem em atividades insalubres, ilícitas ou, até mesmo, cair na exploração do trabalho infantil em busca de alimento.

CRIANÇA QUE DECLARA QUE DORMIU COM FOME

É de suma importância fortalecer um trabalho em cooperação entre as famílias, organizações sociais e governamentais para garantir o acesso, em quantidade e qualidade, aos alimentos; seja por meio dos Centros de Referência da Assistência Social, seja nas unidades de ensino ou ainda por parcerias com organizações da Sociedade Civil.

3. Da violação à proteção - abusos, negligência e trabalho infantil:

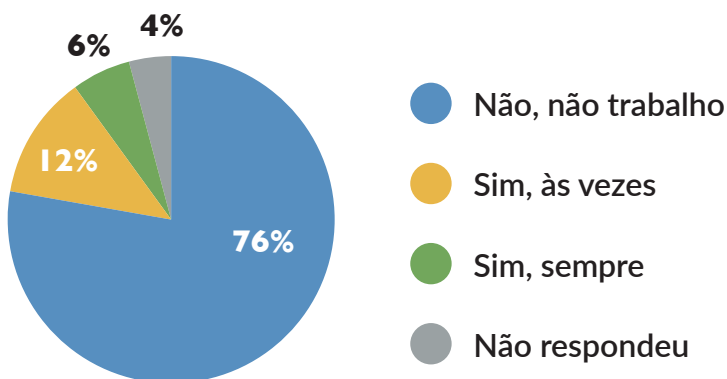
Os dados revelam que pelo menos 37% dos participantes declaram sofrer alguma violência:

VIOLÊNCIAS - FREQUÊNCIA DECLARADA

Os achados corroboram com os dados nacionais, nos quais a negligência é a campeã de denúncias sobre violações de direitos fundamentais. Ao todo, 70% das crianças e adolescentes são vítimas de violência doméstica. Foi identificado também que 40% das crianças dessa faixa etária declararam que “sim”, são responsáveis pelos irmãos em casa.

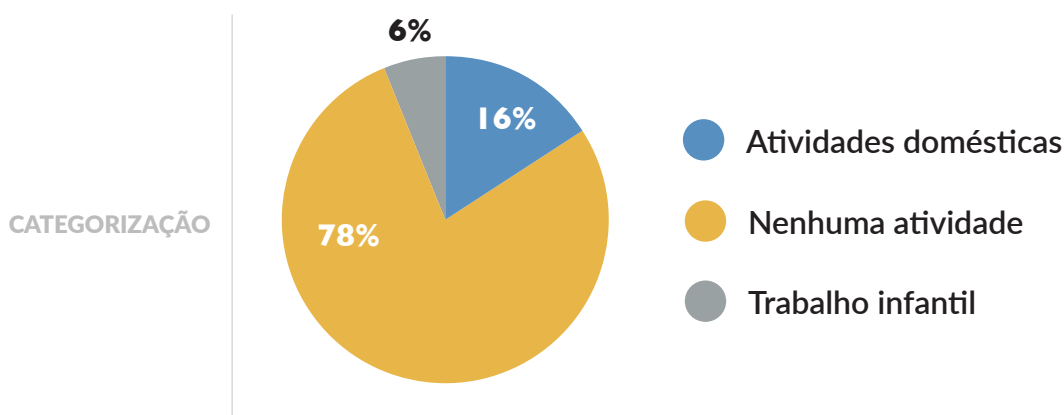
Quando questionadas sobre trabalho infantil por auto declaração, 12% das crianças nesta faixa etária respondem “sim”. Porém, ao perguntar sobre o tipo de trabalho, observamos que elas identificam a presença em ações socioeducativas e outras atividades do seu dia a dia como sendo “o seu” trabalho.

TRABALHO INFANTIL



Ao categorizar as ações que elas mencionam como trabalho, é possível observar o seguinte resultado: 78% não cita nenhuma atividade caracterizada como trabalho, 16% realizam atividades domésticas, 6% declaram atividades que se configuram como trabalho infantil.

TRABALHO INFANTIL IDENTIFICADO



Todas as crianças que estão caracterizadas na condição de trabalho infantil são meninos. Por outro lado, não é possível aferir se as práticas de apoio ao trabalho doméstico configuram, nesses casos, como

exploração ou se são processos educativos orientados pelos adultos e que não atrapalham e nem ameaçam o desenvolvimento pessoal. Existe um convite para dialogar com as crianças nessa faixa etária, sobre sua compreensão do que seja trabalho, para desmistificar o que o configura, mas também para revelar os casos de exploração do trabalho infantil e, assim, fazer os encaminhamentos na rede do sistema de garantia de direitos.

Esse quadro viola diretamente a doutrina da proteção integral estabelecida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, que preconiza a criança e o adolescente como prioridade absoluta para a família, sociedade e estado. A atuação das organizações sociais precisa objetivar, para além da prestação de serviços complementares de atenção, uma ação de estrutura em rede, para influenciar e incidir no campo da implementação das políticas públicas.

4. Do Projeto e o apoio à vida: Quando se analisa a percepção das crianças sobre a contribuição dos projetos que elas participam em suas vidas, observa-se o seguinte cenário:

O PROJETO ME AJUDA	EM CASA	NA ESCOLA	COM MEUS AMIGOS	NA MINHA ALIMENTAÇÃO
Sim	93%	90%	91%	93%
Não	7%	10%	9%	7%

Esse é um dado muito importante e deve motivar as organizações a pensar, cada vez mais, na melhoria das suas ações, principalmente, nos temas levantados por esse estudo. É importante manter em perspectiva que esse nível de vínculo deve ser constantemente fortalecido.

O trabalho com crianças em um contexto extremamente volátil e dinâmico como o analisado, permeado por violações e vulnerabilidades, carece de espaços de escuta e diálogos qualificados, em que as crianças sintam confiança de expressar suas ideias e protagonizem mudanças por meio de um exercício prático de cidadania. Isso poderá contribuir enormemente em sua formação pessoal e cidadã para que possa vislumbrar um futuro além das suas limitações atuais.

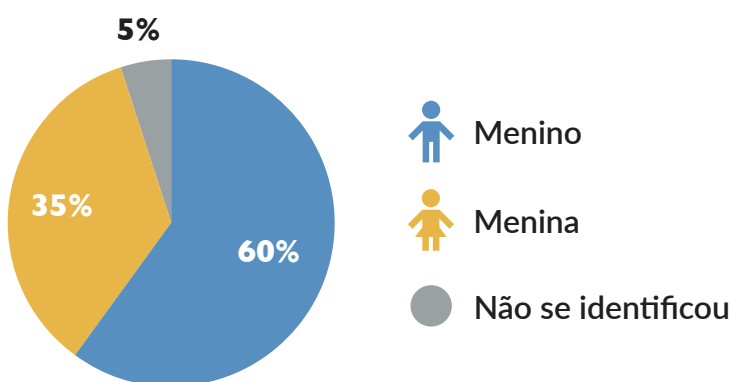
6. Achados de 12 a 17 anos

Achados de 12 a 17 anos

Os achados que seguem são do diagnóstico com as crianças de 12 a 17 anos, participantes das atividades oferecidas pelas organizações IBTE, Novos Sonhos e Missão CENA, que atuam no Centro de São Paulo, distribuídos da seguinte forma:

A população de crianças entre 12 e 17 anos nas organizações é predominantemente masculina, com 60% dos participantes. 35% é composta por meninas e 5% não sabe ou prefere não responder a pergunta.

SEXO DOS PARTICIPANTES



Para facilitar a compreensão, os dados desse grupo específico dividem-se em 06 seções:

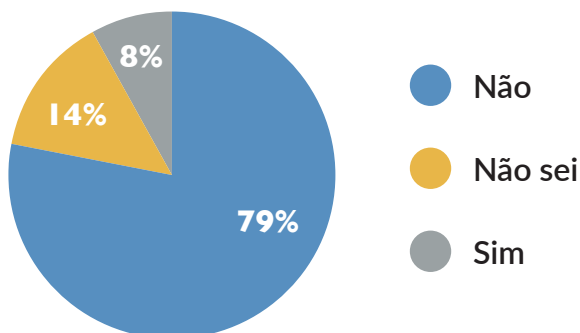
I. Da escola e a distorção idade/série: Ao todo, 6% das crianças indicaram que estão em séries antecipadas, acima do esperado para sua idade, 39% estão na idade certa, 49% estão em situação da distorção idade e série, 4% está fora da escola e 3% não quis responder.

Não foi possível identificar o motivo dos atrasos, porém, faz-se necessário conhecer as histórias de cada uma das crianças, já que estão nas organizações, e considerando também a necessidade de diálogo com as famílias. Além da implicação da distorção idade/série, 7% delas estão fora da escola ou não quiseram responder. Essas crianças estão dentro

do quadro das mais vulneráveis e que precisam de atenção específica. O sistema de educação formal tem dificuldade de lidar com essas especificidades, principalmente, quando se trata de violências/violações e, neste sentido, as organizações sociais têm um papel fundamental de apoio em rede para que essas violações sejam encaminhadas aos atores do sistema de garantia de direitos.

2. Da insegurança alimentar e questão nutricional: Quando perguntado aos adolescentes se eles ou alguém da família foi dormir com fome por falta de comida, 79% afirma que não, enquanto 14% não quis responder ou deixou a pergunta em branco. 8% afirmou que sim, eles ou alguém da família foram dormir com fome.

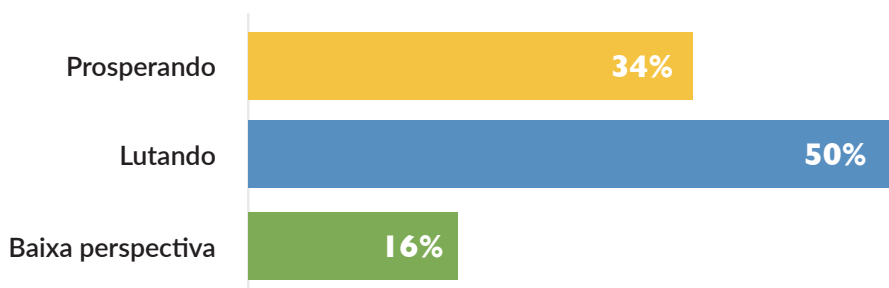
DURANTE O ÚLTIMO MÊS, VOCÊ OU ALGUMA PESSOA DE SUA CASA FOI DORMIR COM FOME POR QUE NÃO HAVIA COMIDA SUFICIENTE?



Apesar de, aparentemente, baixo o número dos que sofrem por não ter o direito à alimentação garantido, esse dado não pode ser ignorado e exige uma investigação apropriada sobre sua ocorrência e perfil deste grupo de adolescentes. Já foi afirmado, nas faixas de idade anteriores, que a oferta insuficiente de nutrientes ou, ainda, pela baixa qualidade dos alimentos, levam a quadros de falsa obesidade ou subnutrição, o que compromete o desenvolvimento físico e cognitivo, além do desempenho educacional e perspectiva de futuro. É preciso garantir ações de incidência política para que essas questões sejam amplamente discutidas nas escolas e organizações sociais. Também deve-se incluir os serviços públicos e seu papel frente a oferta e distribuição de alimentos. É preciso

assegurar, em certa medida, iniciativas assistenciais imediatas, que podem ser realizadas concomitantemente às de resultado, no médio e longo prazo, para que as pessoas possam ter alternativas para se alimentar adequadamente, utilizando recursos próprios, como hortas urbanas e/ou comunitárias, projetos de geração de trabalho e renda, reaproveitamento alimentar, etc., ou por meio do acesso a serviços públicos.

3. Do bem-estar e a escada da vida: Foi realizado um exercício, no qual o adolescente imagina sua vida como uma escada de 8 degraus e correlaciona a pior vida com o degrau 1 e melhor no degrau 8. Ao todo, 34% dos adolescentes entrevistados disseram que tem a melhor vida possível (prosperando), 50% deles se posicionaram em níveis medianos (lutando) e 16% se colocaram nos primeiros degraus da escada da vida com (Baixa perspectiva).



Os adolescentes mais velhos, de 15 a 17 anos, representam a maior proporção dos que não se consideram entre os que estão prosperando na vida, contra dos que têm entre 12 a 14 anos.

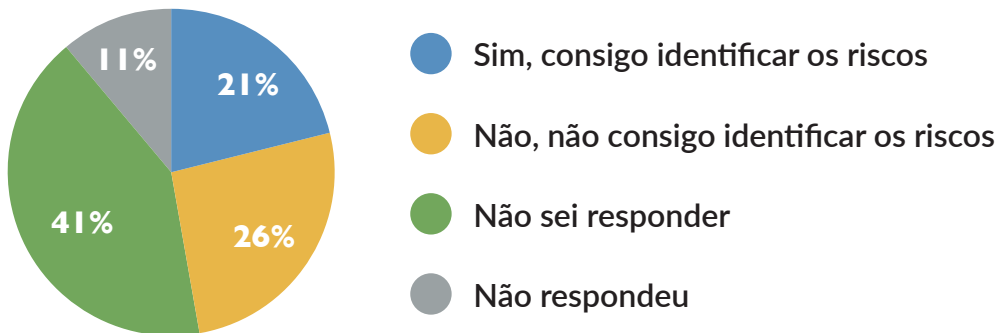
Ao que parece, conforme aumenta a idade, maior é a consciência sobre os direitos negados, problemas que podem passar despercebidos ou serem irrelevantes para os mais novos. Essa falta de perspectivas de vida se constitui um campo de ameaça, que pode levar ao envolvimento em atividades ilícitas, depressão, drogas, gravidez precoce, dentre outras vulnerabilidades, até mesmo, o suicídio. Vale lembrar que essa faixa etária é vítima de assassinatos: 3,32 correm o risco de serem assassinados antes de atingirem 19 anos (SDH, 2014). Esse é o período de desenvolvimento humano em que o sentido de pertencimento é mais forte e significativo,

por esse motivo, torna-se urgente envolver os adolescentes como protagonistas das decisões que afetam suas vidas.

4. Das violações explícitas dos direitos:

a) **Do local de risco:** Foi perguntado aos adolescentes se eles poderiam identificar pelo menos 2 riscos ligados à sua proteção. 22% disseram que sim, saberiam identificar, e 26% disseram que não conseguiriam identificar. Outro grupo, de 52%, não quis responder ou deixou em branco.

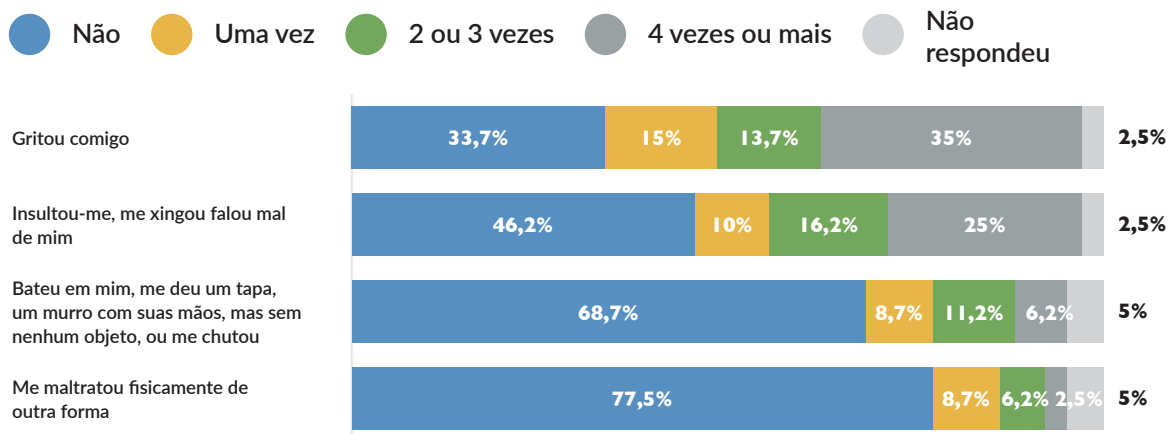
ADOLESCENTES QUE CONSEGUEM IDENTIFICAR PELO MENOS 02 RISCOS LIGADOS A SUA PROTEÇÃO



Analisando os riscos que foram identificados, 68% referem-se a condições comunitárias e ações repressoras do Estado, 21% a fatores do ambiente familiar (moradia, maus tratos, relações interpessoais violentas), 11% a fenômenos sociais, de insegurança pública e outros ainda mais complexos, envolvendo drogadição, tráfico de drogas e violências expressadas de forma inespecífica. Os elementos identificados apontam para a urgência de um trabalho intersetorial e em rede, que colabore com o princípio organizativo implícito no Estatuto da Criança e Adolescente, em que a política de atendimento dos direitos das crianças e adolescentes é executada por meio de um conjunto articulado de ações governamentais e não governamentais. Uma atuação intersetorial e em rede é capaz de propiciar compartilhamento de saberes e práticas, catalisar e potencializar modelos, além de influenciar positivamente iniciativas governamentais que podem ser extremamente factíveis na abordagem de uma população com perfil de múltiplas e complexas vulnerabilidades.

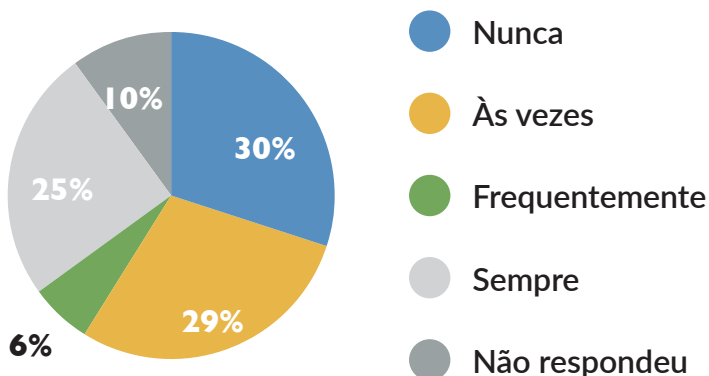
b) Da falta de cuidado: Os dados do diagnóstico apontam que esse cenário de múltiplas violações dos direitos está permeado de negligência e maus tratos. As fragilidades das relações familiares nas diversas composições e o uso da violência como elemento mediador dos conflitos é uma constante nas vidas dos adolescentes. Esse aspecto pode influenciar na reedição dos comportamentos dos adolescentes e até comprometer seu desenvolvimento sócio, afetivo e educacional, para além de se constituírem crimes contra a vida.

MAUS TRATOS



Outro dado muito significativo diz respeito à quantidade de adolescentes responsáveis pelo cuidado dos irmãos. Ao somar aqueles que afirmam ser responsáveis por seus irmãos - frequentemente ou sempre - o resultado é 31%.

SOU RESPONSÁVEL POR MEUS IRMÃOS EM CASA



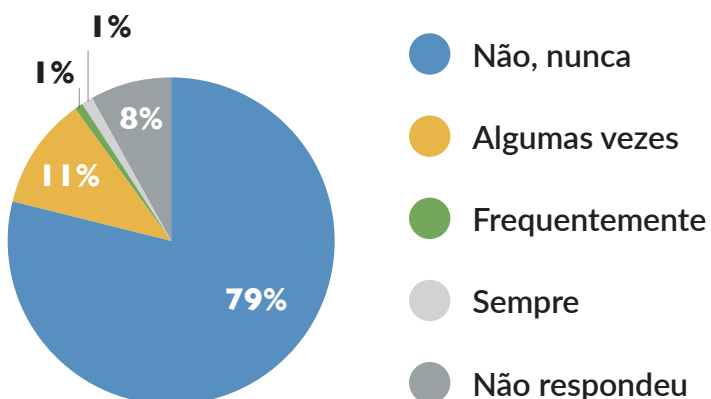
Tais dados podem revelar elementos de negligência familiar e levam a pensar que a manutenção da família não está apenas na provisão das condições básicas, mas, sobretudo, na garantia de relações permanentes, afetivamente significativas, que possibilitam a expressão de desejos e atenção às singularidades de cada indivíduo como seres importantes dentro do grupo familiar e comunitário. Neste sentido é importante proporcionar espaços de reflexão com os responsáveis/cuidadores sobre quais são as atividades que não comprometem o desenvolvimento dos adolescentes e/ou crianças. Esse cenário também aponta para a necessidade de trabalhar na construção e capacidades dos diversos atores (adolescentes, famílias, educadores, OBF e OBC) sobre competências familiares, na mediação pacífica dos conflitos e, em alguns casos, mentoria dos adolescentes em risco eminente ao envolvimento com o tráfico de drogas.

c) Do contato precoce com as drogas: Quando questionados sobre o uso de drogas, 3,8% declararam usar maconha algumas vezes e a mesma quantidade já fumou cigarro, 25% consumiram álcool algumas vezes e 1,3% frequentemente. Os dados foram cruzados entre idade e sexo. Eles revelam que todas as faixas etárias, de 12 a 17 anos, tiveram contato com drogas de 1 a 3 vezes e, por sexo, 24% dos meninos e 10% das meninas tiveram contato com as drogas de 1 a 3 vezes. Um dado alarmante é que 29% dos adolescentes acessam as substâncias por meio de sua rede de amigos, 8% em sua própria casa ou de parente e 2% na escola, enquanto 10% deixou essa questão em branco. As pesquisas nacionais revelam que o álcool é a porta de entrada para outras drogas e, conforme observado, 25% dos adolescentes estão neste cenário. Os programas de prevenção devem permear as propostas pedagógicas das organizações sociais, ao mesmo tempo que o trabalho em parceria com serviços públicos especializados no enfrentamento ao uso de drogas, devem tomar espaço relevante nas articulações em rede.

CONSUMO DE DROGAS	MACONHA	CRACK	COCAÍNA	LANÇA PERFUME	CIGARRO	BEBIDA ALCOÓLICA
Não, nunca	88,8%	92,5%	92,5%	91,3%	87,5%	67,5%
Algumas vezes	3,8%	-	-	-	3,8%	25%
Frequentemente	-	-	-	-	-	1,3%
Sempre	-	-	-	-	-	-
Não respondeu	7,5%	7,5%	7,5%	8,8%	8,8%	6,3%

d) **Dos atos infracionais:** Perguntamos aos adolescentes sobre o envolvimento com roubo/furto. No total, 79% nunca tiveram contato, 13% responderam que já estiveram envolvidos com atos infracionais, especialmente roubos/furtos, e 8% preferiu não responder.

ENVOLVIMENTO EM FURTO OU ROUBO

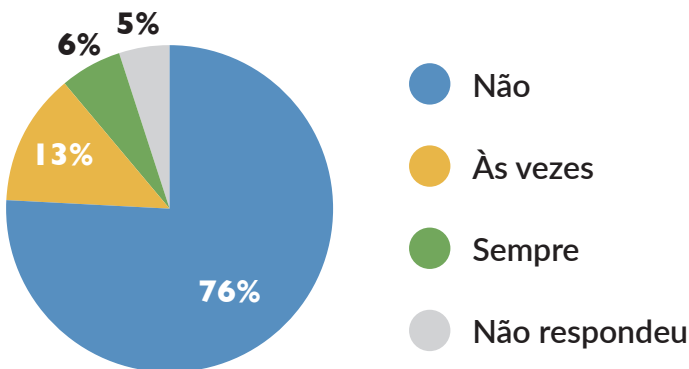


Os índices mais significativos estão associados a “ajudar em casa” e compra de “roupas/calçados/eletrônicos”. Estas, com algumas exceções, são condições mínimas de toda família. Culpabilizar os adolescentes, simplesmente institucionalizá-los ou ceder a pressões midiáticas, não garantirá transformações de vidas e uma resposta qualificada para essa problemática social. Pelo contrário, mais longe eles ficam do rompimento do ciclo da pobreza e miséria. Para gerar mudanças significativas, é preciso fazer um trabalho bem diretivo, no qual haja

atendimento intersetorial especializado, geração de oportunidades econômicas para as famílias e a este contingente, como a inserção no mercado pelo programa “Jovem Aprendiz”.

e) Da exploração do trabalho: Perguntamos também aos adolescentes sobre o seu contato com trabalho. Ao todo, 76% não trabalham, 5% não responderam e 19% trabalham às vezes ou sempre (não em programas oficiais), mas como vendedores de milho, balas e chicletes e ajudantes em lojas e lanchonetes.

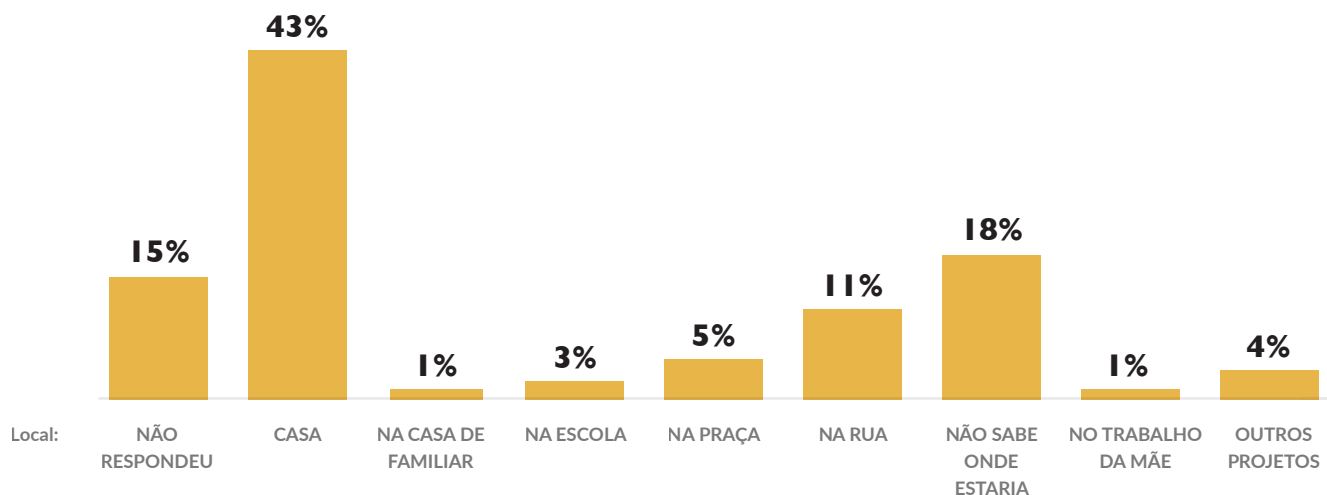
VOCÊ TRABALHA?



Na adolescência, já é possível constatar pressões sociais e familiares por apoio na provisão dos lares e, em alguns casos, dos filhos. Chama a atenção a necessidade de trabalhar com o comércio local, haja vista a menção de práticas em estabelecimentos ou ainda no comércio informal. Um diálogo com a Associação Comercial da região para um processo de reflexão se apresenta como muito oportuno, inclusive para programas de estágio ou “Jovem Aprendiz” (Lei 10.097/2000), além da criação de espaços de fomento ao empreendedorismo. Uma abordagem das organizações locais que privilegie o desenvolvimento de projetos de vida, saúde sexual e reprodutiva e oportunidades de primeiro emprego ou estágio poderão ser catalizadores de grandes transformações para os adolescentes e mais atrativas no contexto.

5 - Do lugar do projeto na vida: Perguntamos aos adolescentes onde eles estariam se não estivessem no projeto. No total, 43% responderam que estariam em casa ou na casa da família, 3% na escola, 5% na praça, 11% na “rua”, 18% não sabem, 1% acompanharia a mãe no trabalho, 4% estaria em outros projetos e 15% deixaram a pergunta em branco.

SE VOCÊ NÃO ESTIVESSE AQUI NO PROJETO, ONDE ESTARIA?

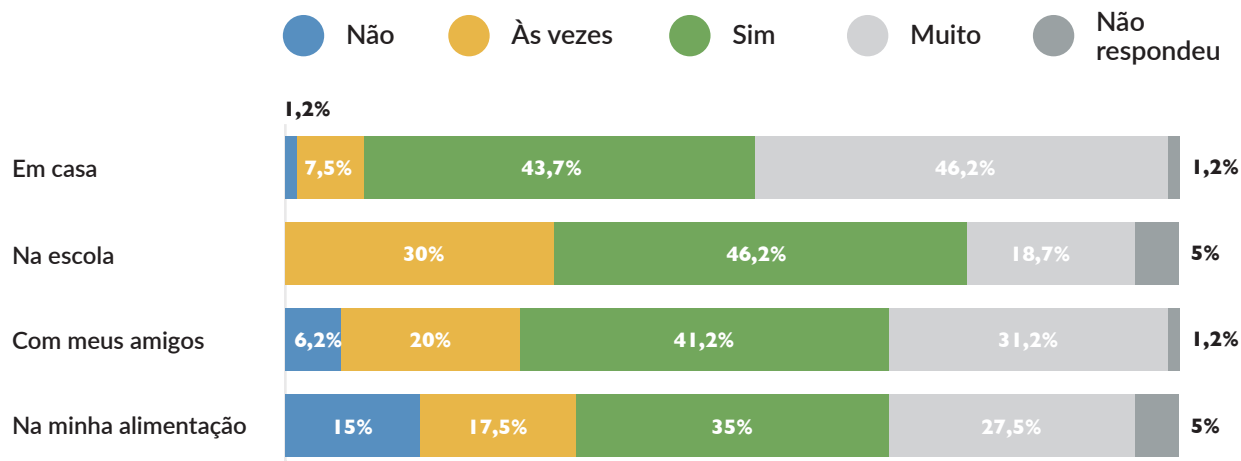


Considerando o quanto o ambiente externo é insalubre e permeado por situações de conflitos, riscos pessoais, vulnerabilidades ao comércio e uso de substâncias psicoativas, a predileção dos adolescentes pela rua, praça e outros sem escolha definida, merecem bastante atenção. É crucial cada organização compreender a realidade na qual vivem seus educandos e organizar uma estrutura pedagógica que possa ter elementos estruturantes centrais e uma brecha para o maior envolvimento daqueles mais suscetíveis ao ambiente de rua ou indefinidos. Portanto, faz-se fundamental o investimento e a articulação com as políticas sociais de atendimento e os serviços públicos que trabalham para fortalecer as famílias em situações de extremas vulnerabilidades, bem como pensar em intervenções a partir desse universo geográfico e relacional que possuem atualmente como referenciais.

6. Do projeto e ajuda na minha vida: Também foi questionado aos adolescentes sobre como os projetos sociais contribuem para a sua vida pessoal e em que medida. É inegável que a maioria dos adolescentes

identificam como positiva as contribuições no campo escolar, familiar, entre os amigos e com sua alimentação:

O PROJETO ME AJUDA A MELHORA EM...



55% dos meninos e 31% das meninas entrevistados afirmaram que o projeto “sim” contribui para seu futuro. Contudo, é importante ressaltar que, na medida que avançam em idade, as contribuições diminuem em termos percentuais e em todos os critérios elegidos. Esse resultado é agravado quando levado em conta o número de respondentes indecisos ou que referem “não” contribuição. Por meio destes dados é possível inferir que se faz necessária uma avaliação das ofertas programáticas voltada a essa faixa etária, para criar maior conexão com as necessidades, objetivos de vida e projetos de futuro.

As organizações sociais também deveriam submeter uma avaliação das suas propostas pedagógicas ao público participante, a fim de que ajustes e melhorias possam tomar lugar com a participação direta dos adolescentes.

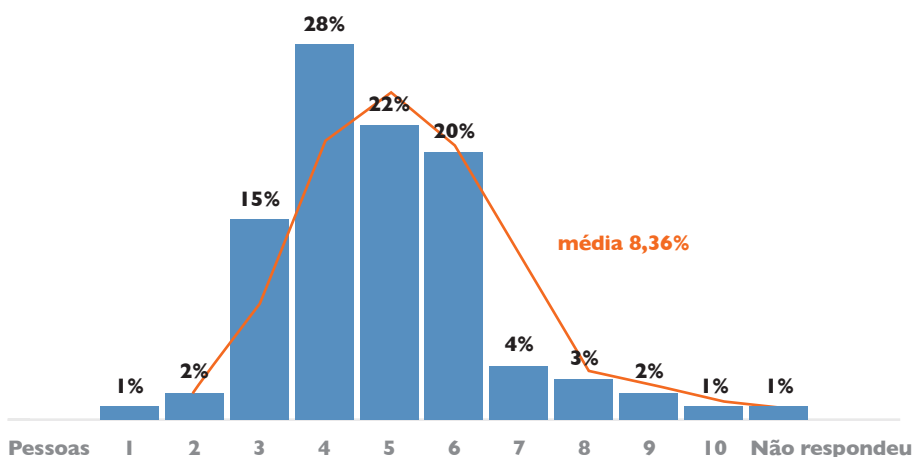
7. Achados dos cuidadores

1. Da questão de gênero na violação dos direitos - a maternidade e paternidade precoce:

A análise dos dados das crianças de 07 a 11 anos apontou que, das entrevistadas, 05 são filhas mães-adolescentes entre 12 a 17 anos. Estas ficaram grávidas de homens com idade entre 19 e 23. Em relação aos pais, 24 crianças não souberam responder a idade deles e as demais declararam que têm entre 24 e 72 anos. Um único caso mostra que um adolescente de 14 anos engravidou uma mulher de 24, o que também configura uma violação de direitos. Em ambientes de alto risco pessoal e social, particularmente violentos e com presença de drogas, a iniciação precoce da sexualidade, abuso e/ou exploração sexual é muito comum e sua continuidade apresenta uma realidade dicotômica: uma violação grave de direitos e, em alguns casos, um fator de proteção a outras violências e status nas comunidades. Estes dados apontam para uma necessidade urgente de trabalhar com atenção a saúde sexual e reprodutiva das meninas e mulheres, considerando os contextos vulneráveis em que habitam, interagem com seus pares ou ainda de tóxico dependências.

2. Das numerosas famílias do centro: O diagnóstico com cuidadores apontou para famílias numerosas. É possível observar que

QUANTIDADE DE MORADORES NA RESIDÊNCIA?



70% das residências têm entre 4 e 6 moradores, 11% entre 7 a 10, e 19% das casas possuem entre 1 a 3. Estudos sobre famílias numerosas apontam o nível de complexidade que se estabelece, uma vez que as crianças e os adolescentes são afetados por constantes mudanças no número de pessoas envolvidas em seu cuidado, já que, muitas vezes, os pais e as mães não conseguem estabelecer uma atenção individualizada. Esse papel, então, é distribuído entre outros adultos, como avós, tios, vizinhos ou irmãos mais velhos.

Outro dado aponta onde as crianças passam a maior parte do seu dia:

LUGARES ONDE A CRIANÇA FICA	MANHÃ	TARDE	NOITE
Escola	41,3%	44,6%	-
Família	22,8%	8,7%	59,8%
Projeto	34,8%	41,3%	40,2%
Sozinho	1,1%	-	-
Rua	-	2,2%	-
Vizinhos	-	1,1%	-
Não respondeu	-	2,2%	-

41% estão na escola pela manhã e 45% à tarde. No total, 35% estão no projeto de manhã e 41% frequentam no período da tarde. Os números mostram também que 23% das crianças passam as manhãs em suas casas e 9% ficam à tarde. O destaque está para as 60% que passam a maior parte do tempo com a família à noite. Sabe-se que nesse contexto de vulnerabilidade em que os pais e mães se esforçam muito em empregos formais (33%) e informais (50%), o período noturno não é o de melhor qualidade para a interação e acompanhamento dos estudos de seus filhos.

3. Da moradia e o espaço de convivência familiar: O lugar em que uma criança e/ou um adolescente vive, pode trazer influência direta sobre seu comportamento e desenvolvimento, de forma positiva ou negativa.

ONDE VOCÊ MORA É	APTO	BARRACO	CASA	CORTIÇO	PENSÃO	QUARTO	OUTRO/A	TOTAL
Alugado	31,5%	-	4,3%	0%	4,3%	3,3%	3,3%	46,7%
Cedido	1,1%	-	-	-	-	-	-	1,1%
Invadido	2,2%	13%	2,2%	2,2%	0%	1,1%	1,1%	21,7%
Ocupado	2,2%	5,4%	-	2,2%	1,1%	0%	0%	22,8%
Outro/a	1,1%	-	-	-	-	-	-	1,1%
Próprio	5,4%	1,1%	-	-	-	-	-	6,5%
Total Geral	43,5%	19,6%	6,5%	4,3%	5,4%	4,3%	4,3%	100%

Quase 46,7% das famílias entrevistadas moram de aluguel em apartamentos (31,52%), casas (4,35%), pensão (4,35%), quartos (3,26%) outros (3,26%). De outro lado 22% vivem espaços invadidos. Já 22,83% das famílias vivem em ocupações. As famílias que vivem de moradia própria são 6,52%, das quais 5,43% declaram que tem seu apartamento e outros 1,09% seu barraco.

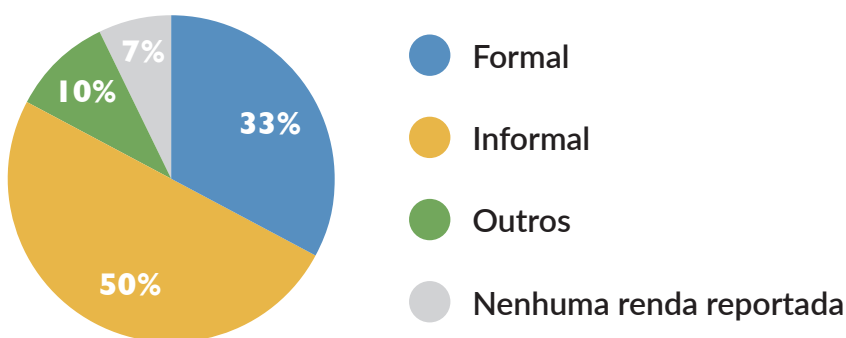
Os aspectos negativos em relação ao tipo de local onde vivem, tipo de moradia e as condições do espaço tais como insalubridade e falta de segurança tendem a reforçar o caráter de vulnerabilidade das crianças e adolescentes. A discussão sobre o direito à moradia está intimamente ligada ao direito a convivência familiar e comunitária, portanto é oportuno discutir o tema e sua pertinência para a vida das crianças.

As organizações podem ter nessa pauta uma oportunidade de militância ou mesmo de relacionamento intencional com outras organizações nas

redes como esse referencial, ou mesmo movimentos sociais e espaços de discussão das políticas públicas para defender melhores condições de moradias para seu público participante.

4. Da renda familiar e o desafio da empregabilidade no centro: O diagnóstico apontou que somente 33% dos entrevistados têm emprego formal “com carteira assinada” (sic). Por outro lado, 50% estão trabalhando informalmente, 10% disseram que possuíam receita, mas não associaram à formalidade ou informalidade e 7% informaram não ter nenhuma receita.

TIPO DE EMPREGO

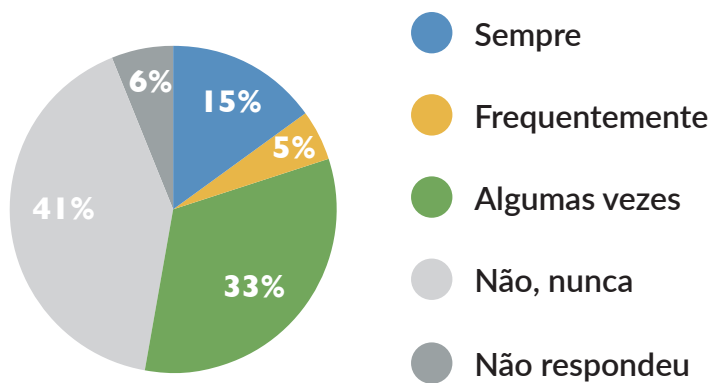


Ao analisar a composição da renda familiar, constata-se que 37% recebe menos que 1 salário mínimo, 27% ganha entre 1 e 2 salários mínimos, 2% têm renda acima de R\$ 2.000,00. Cruzando os dados, é possível observar famílias numerosas nas quais, pelo menos, 78% apresentam renda total inferior a R\$ 2.000,00, com empregos, majoritariamente, informais, vivendo, predominantemente, de aluguel, em ocupação e invasões e com pouco tempo para acompanhar o desenvolvimento de seus filhos. Os programas e projetos de geração de renda e emprego são uma necessidade urgente para esse contingente populacional. A qualificação profissional e inserção no mercado de trabalho também se mostram como oportunidades para ajudar essas famílias. Além da preocupação das organizações sociais com as crianças e adolescentes, é preciso criar espaços de oportunidade para

que as mães, os pais e os cuidadores possam melhorar suas condições de vida e, assim, poder contribuir com o crescimento de seus filhos.

5. Da droga na família – uma questão geracional? Outra questão feita aos filhos e filhas foi sobre o consumo de drogas na família.

PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS SOBRE O USO DE DROGAS NA FAMÍLIA

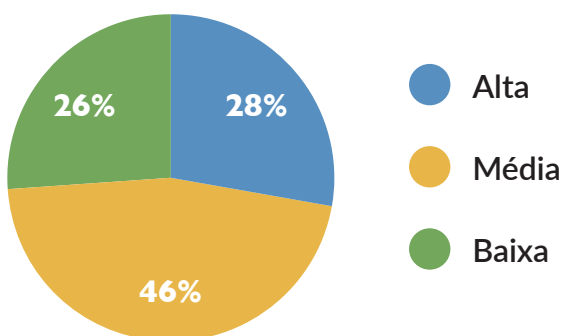


Na soma, 33% dos adolescentes presenciaram o uso de drogas em casa, 41% nunca presenciaram e 6% não responderam a questão. Ao pedir que mencionassem quais drogas mais se repetiam, álcool e maconha apresentaram 21% de menções.

A presença de adultos dependentes no mesmo local de convívio com crianças e adolescentes, potencializa significativamente as vulnerabilidades, pois os aproxima de forma precoce das drogas e, muitas vezes, proporciona as primeiras experimentações. A rede do sistema de garantia de direitos deve ser articulada e acionada para prevenir, conscientizar e proporcionar cuidados para aqueles que tiveram contato com drogas. As organizações sociais também devem levar em consideração um trabalho de apoio e orientação especializada, bem como contar com o apoio de uma equipe técnica multidisciplinar para mentoria de crianças e adolescentes em situação de extrema vulnerabilidade, com o objetivo de criar oportunidades de enfrentamento ao uso de drogas. Uma ação articulada entre as organizações sociais, famílias e representantes dos serviços públicos também deve tomar lugar de importância para qualificar a implementação das políticas setoriais no centro da cidade. É preciso que todos e quaisquer esforços considerem as diferenças e as múltiplas abordagens e tratamentos. Quando for o caso, ponderar a realidade local, a história das pessoas e a garantia dos direitos humanos.

6. Do cuidador e a relação de cuidado: Ao questionar crianças e adolescentes sobre a relação com o seu cuidador*, 25% dos adolescentes afirmaram nunca passar um tempo com seu cuidador e outros 13% não quiseram responder.

CONEXÃO COM O CUIDADOR



Analisando o dado de forma geral, observa-se que 46% declararam média conexão com seu cuidador, 26% baixa conexão e somente 26% responderam conexão alta. Em um contexto familiar tão frágil, é importante destacar que, além dos pais, os cuidadores viram referência de cuidado, proteção e amor para crianças e adolescentes nas famílias e comunidades.

Muitos avós, tios, vizinhos se tornam uma referência importante para as crianças e adolescentes. Em certas ocasiões, por impossibilidades permanentes ou temporárias, emocionais ou físicas, pela ausência dos pais por conta do trabalho, doença, cumprimento de pena, divórcio ou mesmo morte. Para os educadores, mais do que buscar conhecer e tipificar os núcleos familiares, parece importante reconhecer em que medida as mudanças na dinâmica familiar fragilizam o desenvolvimento dos adolescentes e, a partir disso, construir intervenções e abordagens pedagógicas. É preciso valorizar a existência de uma rede de sustento e referência na qual toda a família pode se apoiar e somar forças para proteger e fortalecer as crianças e os adolescentes na comunidade. Aqui, destaca-se o trabalho já realizado pelas organizações envolvidas nesta pesquisa, pois, dentro de suas possibilidades, fornecem recursos para a vida familiar e, por vezes, desempenha melhor o papel de cuidar e proteger.

8. De, na e pré situação de rua

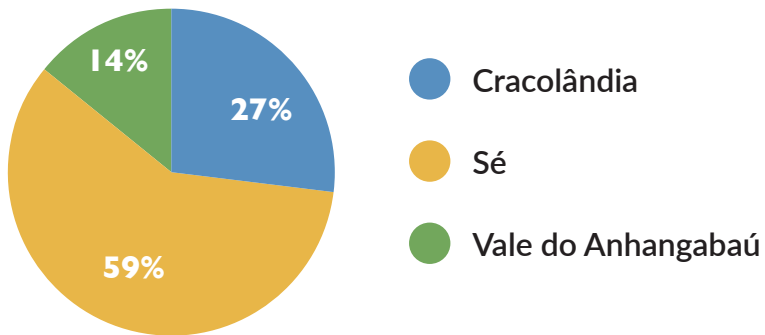
De, na e pré situação de rua

Quando se pensou em levantar dados sobre crianças e adolescentes em situação “de, na e pré rua”, em espaços de extrema vulnerabilidade como a Cracolândia, o Vale do Anhangabaú e a Sé, havia o receio sobre a abertura para entrevistas. Desta forma, o diagnóstico foi dividido em dois momentos: o primeiro, de **observação orientada**, no qual a equipe foi preparada para analisar o comportamento dos grupos e indivíduos-chaves da pesquisa, dentro de um período de tempo variado entre 05 minutos a 01 hora, dependendo da permissão de permanência no espaço. E o segundo momento, de **escuta qualificada**, com questionários semiestruturados, aplicados com crianças e adolescentes que participam das intervenções realizadas pelo JEAME, nas referidas localidades.

O conceito de “pré-rua”, que acompanha este trabalho, é atribuído àquele menino ou menina que ainda mantém vínculos familiares, dorme em sua casa, mas possui seu convívio e a dinâmica diária baseada nos relacionamentos com outros meninos e meninas de/na rua. Essa definição é utilizada pelas organizações que atuam no centro da cidade e, para efeito deste estudo, optou-se por tomá-la como referencial, garantindo maior senso de apropriação por aqueles que utilizarão os resultados para qualificar suas reflexões sobre as práticas institucionais.

I. Da observação orientada

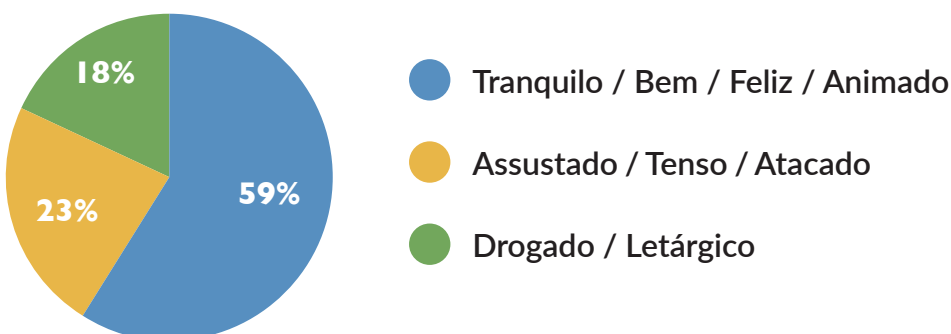
A equipe de abordagem de rua foi capacitada durante este processo de pesquisa para dois momentos, que atribuíam mais sentido ao que se pretendia alcançar com esse público específico. De um lado, o campo da observação e, de outro, o convite para a interação e respostas ao questionário.

LOCALIZAÇÃO

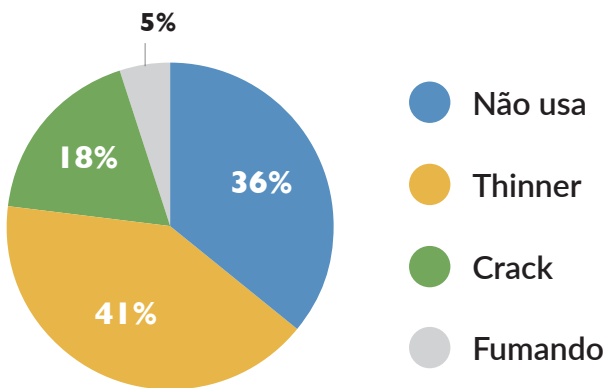
Sobre a localidade, observou-se que a maior parte dos meninos 59% estavam na região da Sé, em segundo lugar, na região conhecida como fluxo da Cracolândia 27%, já o Vale do Anhangabaú, conta com a menor parte, 14% dos meninos.

A equipe também se atentou ao comportamento deles, com o objetivo de apontar como aparentavam naquele momento da observação.

Grande parte dos meninos 59% estava “numa boa” (sic), mas 23% estavam tensos e aparentavam assustados, enquanto 18% pareciam estar sob efeito de entorpecentes.

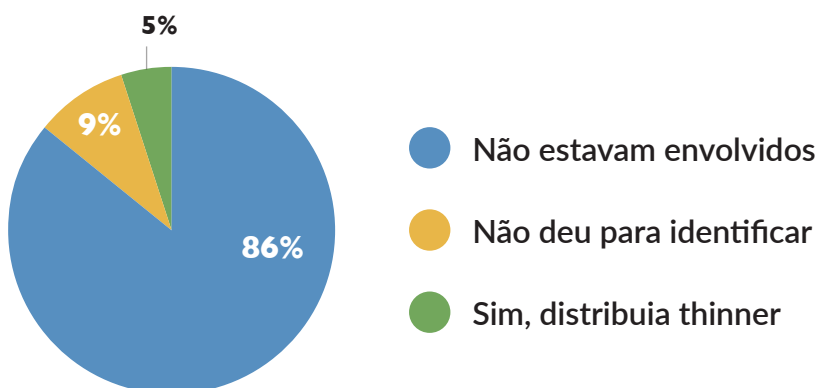
COMPORTAMENTO OBSERVADO

A equipe também analisou se os meninos usavam drogas no momento da observação. Os números mostram que **36% do grupo não usava nenhum entorpecente, porém, 64% consumia algum tipo de droga:** thinner 41%, crack 18% e fumando 5%. Segundo os observadores, o uso de crack só se dava na região do fluxo da Cracolândia.

USO DE DROGAS

Além do consumo, pôde-se observar ainda a relação dos meninos na distribuição/comercialização de drogas.

Ao todo, **86% dos meninos não estavam envolvidos no processo de comercialização/distribuição das drogas**, somente 5% distribuíam thinner para outras pessoas. Em 9% dos casos, não foi possível identificar claramente a relação com esse fluxo.

DISTRIBUIÇÃO DE DROGAS**2. Da escuta qualificada:**

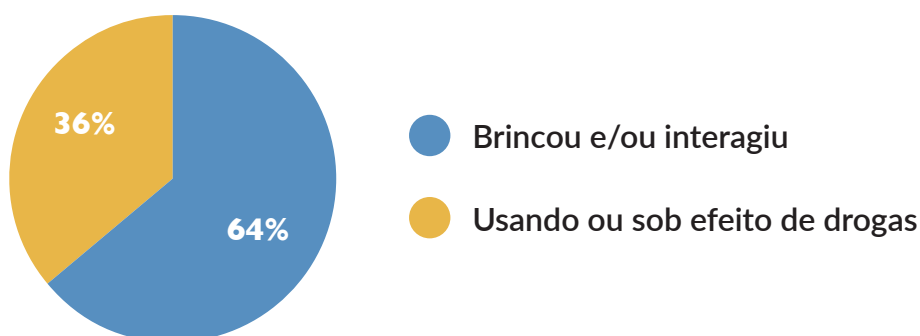
O segundo momento do grupo foi de abordagem, buscando uma interação com meninos e meninas para coletar informações mais específicas e baseadas na percepção individual do público em seu território. Apenas 5% eram meninas. Diante desse número, os

achados que seguem são mencionados apenas no masculino. A pesquisa também não traz cruzamentos desagregados por sexo.

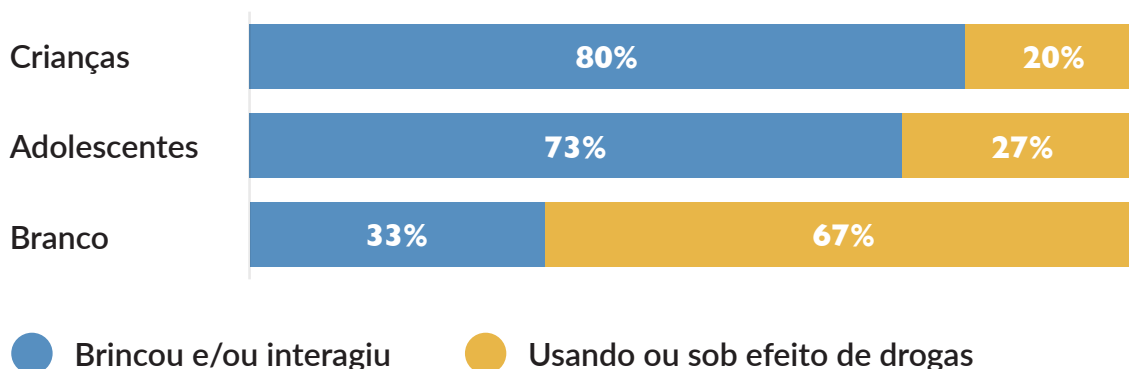
A equipe informou que foi possível interagir com a maior parte dos meninos observados, com exceção daqueles que estavam presentes na região do fluxo da Cracolândia. Essa observação foi possível, porque o grupo atua, semanalmente, nas localidades onde a pesquisa foi feita. De acordo com o depoimento de uma das observadoras, “as crianças da Cracolândia são muito mais desconfiadas para esse tipo de observação e abordagem.”

A proposta pedagógica foi utilizar a brincadeira como estratégia de interação. Por meio desse método, 64% dos meninos interagiram e responderam à pesquisa. Outros 36% não interagiram, porque usavam ou estavam sob efeito de drogas.

INTERAÇÃO COM OS EDUCADORES



Quando analisada a interação pela faixa etária dos envolvidos, pode-se observar que:



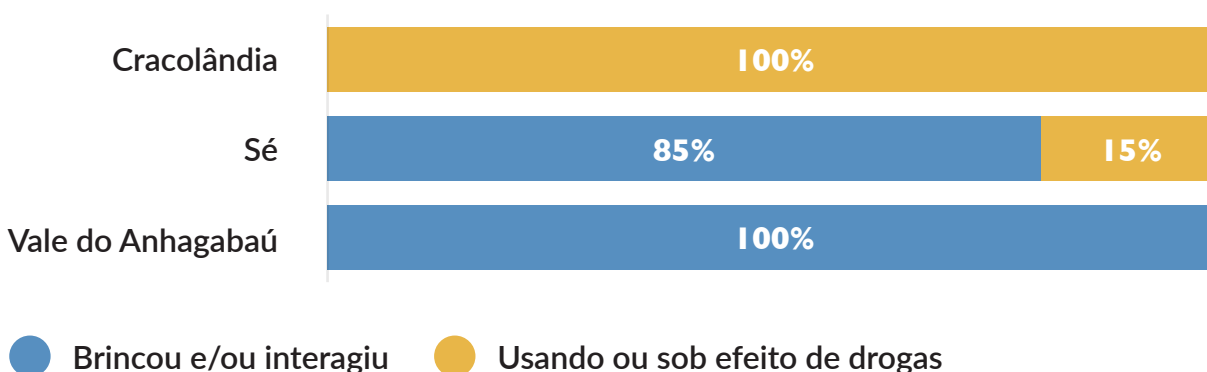
● Brincou e/ou interagiu ● Usando ou sob efeito de drogas

Dos que brincaram e interagiram, 80% são grupos de crianças. Dos adolescentes, 73%, e dos que não responderam a idade 33%.

Os dados mostram também que 20% dos grupos compostos por crianças usavam ou estavam sob efeito de drogas, enquanto dos adolescentes eram 27%. Por último, os do que não responderam a idade 67%.

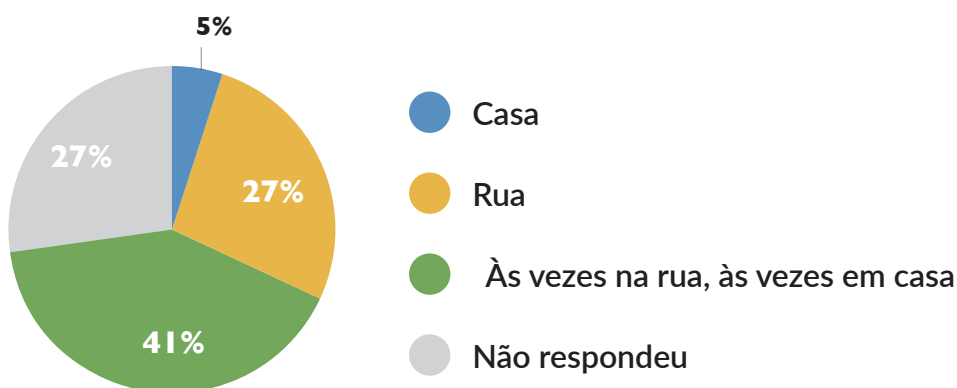
Na mesma análise, agora por localidade em que ocorreu a escuta, pode-se verificar o seguinte cenário: Não foi possível realizar nenhuma interação na região do fluxo da Cracolândia. Já na Sé e no Vale do Anhangabaú, foi possível brincar e interagir, respectivamente, com 85% e 100% das crianças e adolescentes.

INTERAÇÃO COM OS EDUCADORES - POR LOCALIDADES



Com a conexão estabelecida entre os educadores, as crianças e adolescentes, o “brincar” abriu espaço de confiança e interação. Por meio dele foi possível realizar o segundo nível de investigação.

Primeiramente, perguntou-se onde os meninos dormem, com a perspectiva de apontar para a condição de, na e pré rua.

ONDE VOCÊ DORME?

Grande parte 41% se dividiam entre dormir na rua e na sua casa, já 27% disseram que dormiam somente na rua, e o mesmo percentual, de 27%, não quis responder. Apenas 5% responderam que passam o dia na rua, mas que, na hora de dormir, retornavam para suas casas.

Em seguida, foi perguntado sobre suas casas/ de suas famílias, para entender o tipo de moradia. Verificou-se que:

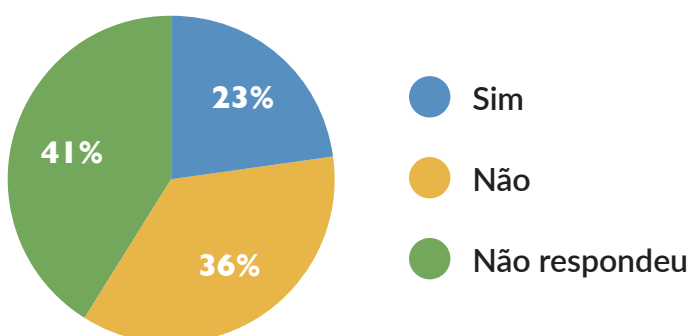
MORADIA TIPO	PENSÃO	BARRACO	CASA	APTO	NÃO RESPONDEU	TOTAL GERAL
Próprio	-	-	14%	5%	-	18%
Alugado	-	5%	-	-	-	5%
Ocupado	5%	-	-	5%	-	9%
Invadido	5%	5%	5%	-	-	-
Não respondeu	-	-	-	-	55%	55%
Total Geral	9%	9%	18%	9%	55%	100%

Dos 18% que afirmaram possuir moradia própria, 14% moravam em apartamento e 5% em casa. Os 5% que moravam de aluguel, residiam em um barraco. Dos 10% que viviam em ocupação, 5% estavam em pensão e outros 5% em apartamento. No total, 14% dos meninos

disseram viver em um local invadido, sendo que 5% moravam em pensão, outros 5% em barraco e ainda outros 5% em casa. 55% dos meninos entrevistados não quiseram responder essa questão.

Quando o assunto escola entrou na pauta houve uma série de divergências nos dados, devido a certa resistência dos entrevistados para responder. Ao todo, 36% dos meninos se negaram a responder, já 41% afirmaram que não frequentavam mais a escola e apenas 23% declararam que ainda estavam estudando. Somente 01 dos entrevistados disse o nome da Escola e outro ainda citou a Fundação Casa como o último local de referência nos estudos.

FREQUENTA A ESCOLA



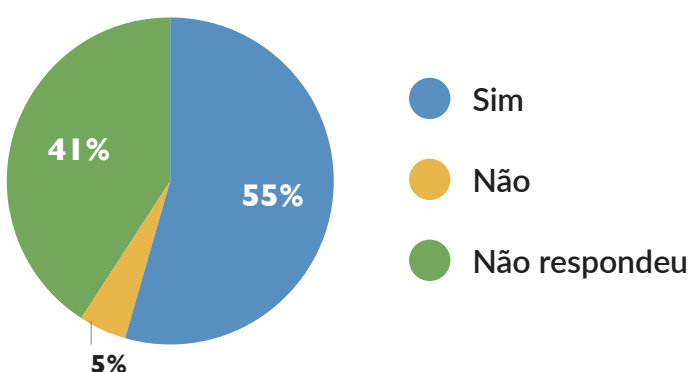
ESCOLARIDADE	FUNDAMENTAL 1	FUNDAMENTAL 2	ENSINO MÉDIO	NÃO RESPONDEU	TOTAL GERAL
Sim	9%	5%	5%	5%	23%
Não	27%	5%	5%	-	36%
Não respondeu	-	-	-	41%	41%
Total Geral	36%	9%	9%	45%	100%

Os meninos foram questionados sobre até qual ano haviam estudado. Daqueles que declararam não estudar mais, 27% largaram os estudos no ensino fundamental 1, 5% no fundamental 2, e 5% disseram que estudaram até o ensino médio. Já entre os que ainda estudam, 9%

estavam no fundamental 1, 5% no fundamental 2 e 5% cursavam as séries iniciais do ensino médio. 41% dos meninos entrevistados preferiram não responder.

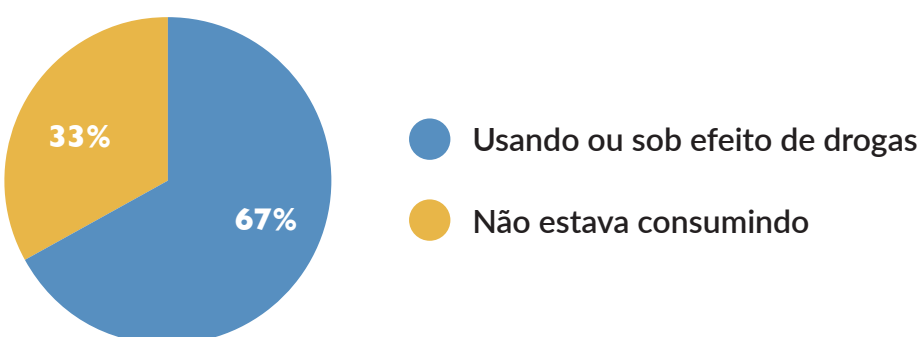
Quando perguntados sobre consumo de drogas, 55% responderam que já tiveram contato com um ou mais tipos de drogas, 4% afirmaram não ter feito uso de entorpecentes e 41% não quiseram responder essa questão.

JÁ CONSUMIU ALGUM TIPO DE DROGA?



Ao analisar esses dados, optou-se em separá-los por território, uma vez que os educadores informaram sobre as regras do tráfico em relação ao consumo de drogas: “na Cracolândia, só consome crack” (sic).

OBSERVAÇÃO NA CRACOLÂNDIA

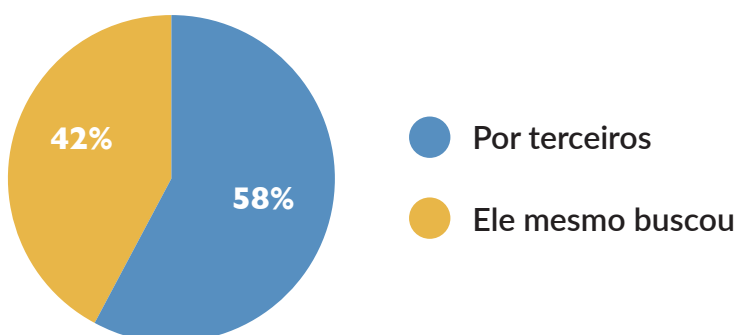


Durante a observação na região da Cracolândia, constatou-se que 67% dos meninos usavam ou estavam sob efeitos de drogas, enquanto somente 33% dos observados não estavam consumindo.

Na Sé e no Vale do Anhangabaú, regiões marcadas pela mobilidade dos meninos, observou-se um ranking dos 7 tipos de drogas citados e uma frequência de uso. A maconha aparece como a primeira, com mais de 20% de menções e consumida por quase 69% dos meninos, já o lança perfume e o thinner ocupam o segundo lugar 18%. As substâncias são consumidas por mais de 62% dos entrevistados. Em terceiro lugar, aparece a cola 16%, sendo consumida por 56%.

TIPOS DE DROGAS MENCIONADAS	RANKING DE MENÇÕES	USO POR ENTREVISTADO
Maconha	20,37%	68,75%
Lança	18,52%	62,50%
Thinner	18,52%	62,50%
Cola	16,67%	56,25%
Farinha	12,96%	43,75%
Bebida alcoólica	11,11%	37,50%
Cigarro	1,85%	6,25%

Quando perguntados sobre como foi o primeiro contato com a droga:

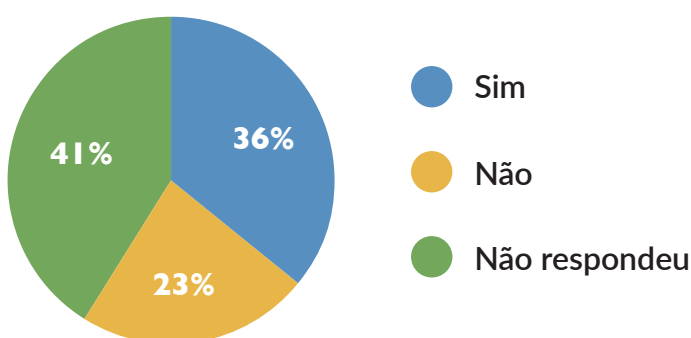


42% disseram que por vontade própria e 58% responderam ter aceito o que foi oferecido por terceiros.

Nas questões relacionadas à passagem pela FUNDAÇÃO CASA, 32% dos meninos afirmaram que já passaram pelo serviço de medida socioeducativa em meio fechado, 23% não tiveram passagem pelo local e 41% não quiseram responder.

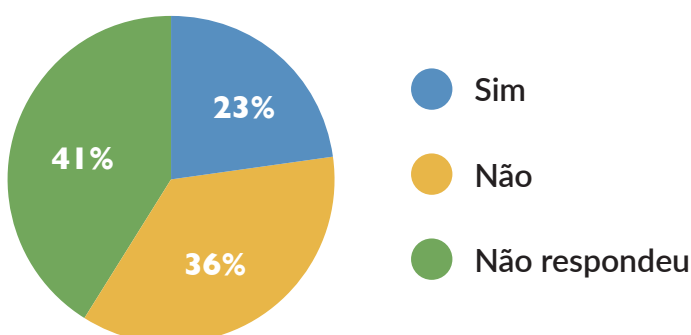
Para complementar a pergunta anterior, foi questionado se eles também passaram por algum serviço de abrigo:

PASSAGEM NA FUNDAÇÃO CASA?



23% afirmaram que já possuíam passagem, enquanto 36% ainda não, e 41% preferiram não responder.

PASSAGEM POR ALGUM ABRIGO?



O próprio processo de aplicação previa que o público poderia não ser receptivo para responder todas as perguntas sugeridas no roteiro. Sobre as interrupções, os dados apontam que 41% da equipe concluiu todo o processo sem nenhuma interrupção, enquanto 59% passou pelas seguintes interrupções: 14% dos meninos não compreenderam as questões e outros 14% estavam sob efeito de drogas. Uma parte dos educadores foi “convidado” (sic) a se retirar do local 9% pelos representantes do tráfico e, o mesmo percentual, pela polícia. Somente 13% dos meninos abordados não quiseram participar de nenhum momento da pesquisa.

A situação desse grupo representa a plena negação de direitos. Ainda assim, não houve capacidade do Estado de reverter a situação de vulnerabilidade, uma evidência nítida na falha do sistema de proteção.

9. Conclusões

Conclusões

É preciso dar visibilidade às violações dos direitos que vivem as crianças e adolescentes do centro da cidade de São Paulo. O Estatuto da Criança e do Adolescente reforça no artigo 4º: É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Os direitos fundamentais estão sendo violados no centro da cidade da seguinte forma:

- 1.** À vida: as crianças e adolescentes que participaram do diagnóstico estão sujeitas a maus tratos físicos, pois se envolvem em atividades ilícitas.
- 2.** À saúde: da perspectiva da integridade emocional e física, essas crianças e adolescentes acessam com facilidade as drogas e são negligenciadas em relação à sua saúde.
- 3.** À alimentação: parte das crianças de 2 a 17 anos estão com sua nutrição comprometidas ao acessarem alimentação em locais inapropriados, como a rua.
- 4.** À educação: ao constatar que parte das crianças e adolescentes estão fora da escola, na distorção série, idade e que a escola é menos preterida que a rua.
- 5.** Ao esporte, lazer e cultura: a rua não é o lugar de brincar. É o local de acesso a drogas, de trabalho infantil e de atividades ilícitas.
- 6.** À profissionalização: crianças e adolescentes estão submetidos às piores formas de exploração do trabalho infantil fora da legislação vigente.
- 7.** À dignidade: mais da metade das crianças e adolescentes estão

submetidos a formas extremas de violação de direitos, parte delas, inclusive, têm a rua como seu lugar de dormir.

8. Ao respeito e à liberdade: crianças e adolescentes não são respeitados. Eles são vítimas de abuso psicológico, já estiveram em contato com as medidas sócio educativas e restrição de liberdade.

9. À convivência familiar: os fatores de insalubridades das suas moradias, a presença de drogadição na família, a casa como o local do primeiro uso de drogas das crianças e adolescentes, o alto índice da declaração de média ou baixa conexão com seus cuidadores.

10. À convivência comunitária: as crianças e adolescentes acessam drogas na rua, fornecidas por “amigos” e adultos. Outro grupo teve privação da convivência por estar em situação de abrigamento ou privação total de liberdade. Isso reflete a percepção de invisibilidade frente as inúmeras violações de direitos e violências contra a vida deles.

Diante desse quadro, conclui-se que:

1. É urgente o fortalecimento do trabalho em rede, para articular os diferentes atores sociais, iniciativa privada e representação do poder público e familiar com o objetivo de elaborar um plano intersetorial de intervenção no centro da cidade, com foco na redução das violações de direitos e violências contra crianças e adolescentes.

2. Fortalecimento da rede de proteção e dos serviços públicos para atenção especial à criança e ao adolescente em situação de/na/pré rua.

3. Apesar de todas as fragilidades técnicas e limitações financeiras das organizações sociais que atuam no centro da cidade e que fizeram parte deste diagnóstico, elas são reconhecidas pelas crianças e adolescentes com o referencial de desenvolvimento e apoio às suas vidas.

10. Referenciais Livros e Artigos

1. ARPINI, D.M; QUINTANA, A.M; GONÇALVES, C.S.. **Relações familiares e violência em adolescentes em situação de rua.** Revista Eletrônica Psicologia Argumento, 2010.

2. FUNDAÇÃO PRÓ-MENINO. **Pouco denunciada, violência contra crianças e adolescentes é enraizada na sociedade brasileira.**

<http://www.promenino.org.br/noticias/reportagens/pouco-denunciada-violencia-contra-criancas-e-adolescentes-e-enraizada-na-sociedade-brasileira>

3. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE-ECA. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

4. HUTZ, C. S.; KOLLER, S. H. **Questões sobre o desenvolvimento de Crianças em situação de rua.** Revista Estudos de Psicologia, Campinas, 1996.

5. ISHIDA, Valter Kenji: **Estatuto da Criança e do Adolescente: doutrina e jurisprudência - 3ª ed.** - São Paulo: Atlas, 2001.

6. PEREIRA, Sandra Eni Fernandes Nunes - **Crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social: Articulação de redes em situação de abandono ou afastamento do convívio familiar** <http://www.aconchegodf.org.br/biblioteca/artigos/artigo01.pdf>

7. ROSSATO, L.A.; LÉPORE, P.E.; SANCHES, R.C. **Direito Internacional dos Direitos Humanos da Criança e do Adolescente.** In: Estatuto da Criança e do Adolescente comentado: Lei 8.069/1990: artigo por artigo. 5ª edição, revisada, atualizada e ampliada. São Paulo, Editora Revista dos Tribunais, 2013.

8. VISÃO MUNDIAL. **Enfoque Técnico de Proteção,** 2017.

LINKS ACESSADOS ENTRE JULHO E SETEMBRO DE 2017

Rede Nossa São Paulo: Mapa das Desigualdades Sociais <http://www.nossasaopaulo.org.br/arqs/mapa-da-desigualdade-completo-2016.pdf>

Prefeitura de São Paulo <http://www.prefeitura.sp.gov.br>

Observa Sampa <http://observasampa.prefeitura.sp.gov.br/index.php/indicadores/indicadores-por-regiao/>

DataPedia <https://www.datapedia.info/public/>

InfoCidade <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br>

SEADE <http://www.seade.gov.br>

Rede Social Brasileira por Cidades Justas e Sustentáveis <http://www.redesocialdecidades.org.br>

RIPSA Rede Interagencial para informações de Saúde <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ldb2000/fqa07.htm>

FLASCO Brasil: Guia do Diagnóstico Participativo <http://flasco.org.br/files/2015/08/Guia-do-Diagnostico-Participativo.pdf>

Rede Brasil Atual <http://www.redebrasilatual.com.br>

LISTA DE SIGLAS

PIB - Primeira Igreja Batista de São Paulo

IBTE - Instituto Brasileiro de Transformação pela Educação

ECA - Estatuto da Criança e Adolescente

SDH - Secretaria de Direitos Humanos

OBF - Organização Baseada na Fé

OBC - Organização de Base Comunitária

www.visaomundial.org

0800 70 70 374

 /visaomundialbr

 @visaomundialbr

 /visaomundialbrasil